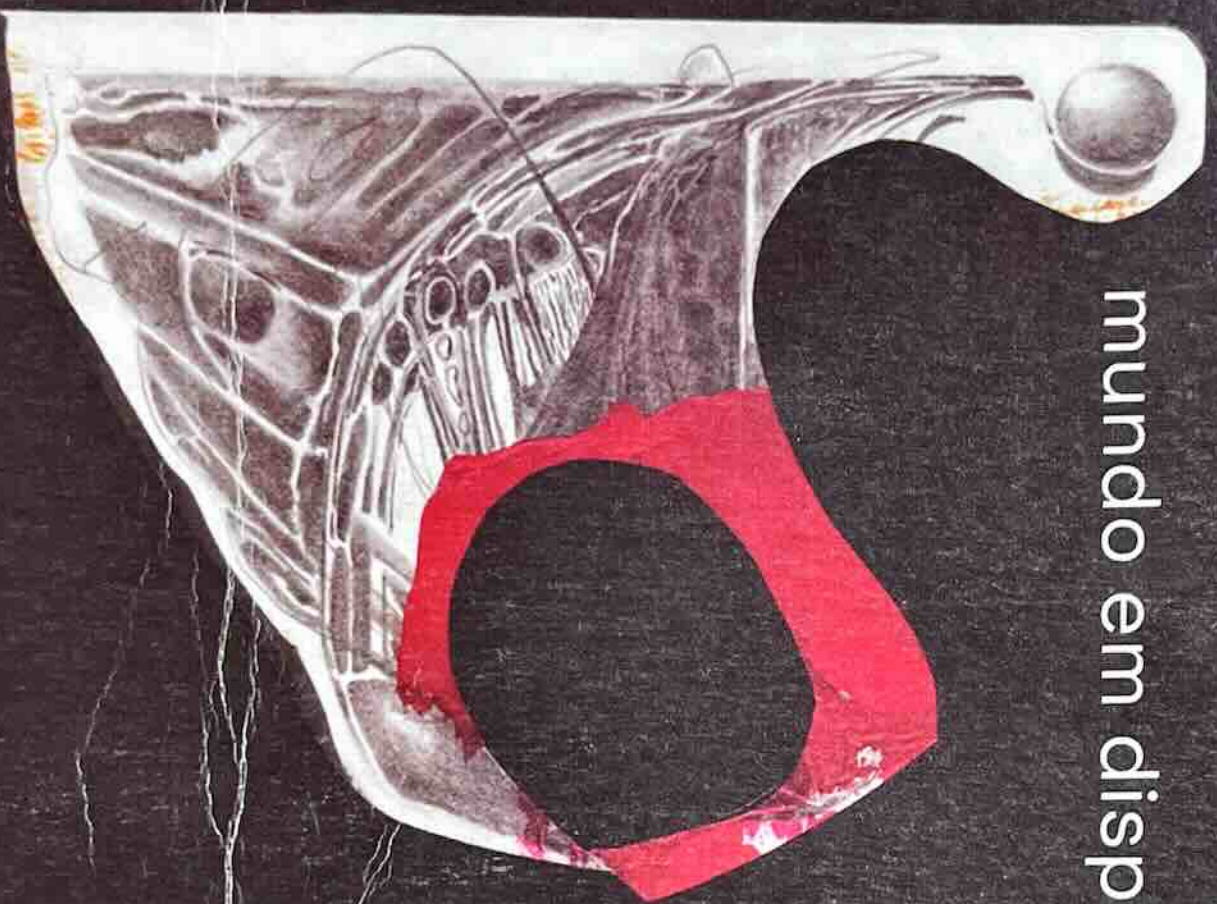


mundo em disputa **marcia tiburi**

CH
CIVILIZAÇÃO
BRASILEIRA



Copyright © Marcia Tiburi, 2024

Todos os direitos reservados. É proibido reproduzir, armazenar ou transmitir partes deste livro, através de quaisquer meios, sem prévia autorização por escrito.

Texto revisado segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Direitos desta edição adquiridos pela
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Um selo da

EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Tel.: (21) 2585-2000.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br

e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T431m Tiburi, Marcia, 1970-

Mundo em disputa : design de mundo e distopia
naturalizada / Marcia Tiburi. - 1. ed. - Rio de Janeiro :
Civilização Brasileira, 2024.

ISBN 978-65-5802-133-9



1. Ciência política - Filosofia. I. Título.

24-88121

CDD: 320.01

CDU: 32:1

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

A disputa sobre a ideia de mundo	13
A naturalização da experiência da distopia	27
Uma guerrilha conceitual contra a destruição naturalizada	37
A artilharia ideológica na produção de uma estrutura desestruturante	45
O realismo patrirracialcapitalista como indústria terrorista da distopia naturalizada	51

PARTE 1. CÓDIGOS DISTÓPICOS

<i>Carceri</i> : no espelho das prisões distópicas	67
--	----

O patrirracialcapitalismo a ser superado	75
Mundo como ideia matriz onde ser é estar situado	85
O mundo como alteridade indedutível no horizonte da complexidade e da compreensibilidade	97
A função codificadora da distopia	107
O mundo codificado como mercadoria	115
A circulação da informação e a repetição do código	121
O princípio do obscurantismo e a geometria variável do ódio num mundo criptografado	125
O mundo codificado é calculado e administrado	133
Grafopoder, conceitografia ou o design como pré-fabricação do mundo	141
Globalização: da cacotopia cuja meta é a catástrofe à hipnose cuja meta é o esvaziamento subjetivo	151
Parque-tematização como mercado da mimetização	163
Ventriloquacidade, próteses cognitivas e produção de subjetividade	171
Uma conclusão provisória: o paradoxo administrado e sua superação	181

PARTE 2. CÓDIGOS UTÓPICOS

O sucesso do fim da utopia ou o poder de uma narrativa	191
O sequestro da ideia de mundo seguido do sequestro da utopia	199
Um outro mundo possível ou como o PRCC será superado por alternativas criativas	205
A libertação da imaginação como caminho para a democracia radical	211
Uma poético-política contra prisões digitais	219
A contracodificação utópica na desconfiguração do PRCC	225
Criações narrativas e projeção política	229
A imaginação tecnoantropófaga	235
Pensar criticamente é um ato utópico	239
Um outro mundo possível	247
Referências bibliográficas	253

INTRODUÇÃO AO PROBLEMA

A DISPUTA SOBRE A IDEIA DE MUNDO

De Platão a Whitehead, dos pré-socráticos a Isabelle Stengers, de Descartes a Wittgenstein, de Parmênides a Husserl, de Giordano Bruno a Silvia Cusicanqui, a ideia de mundo sempre esteve em disputa. Em certas épocas, ela levou à prisão, como aconteceu com Galileu Galilei, condenado pela Inquisição em 1633 por defender o heliocentrismo. Ou à morte na fogueira, como aconteceu com Giordano Bruno em 1600, que, além de defender o heliocentrismo, afirmou que o universo era infinito e composto de múltiplos mundos. Séculos depois, quando os Estados Unidos e a União Soviética, duas potências nucleares, concorriam pelo domínio imperial

sobre o planeta, criou-se a definição de “terceiro mundo”, hoje em desuso. A disputa sobre o mundo permanece expressa no conflito entre a retórica da colonização que fala em “descoberta da América” e a crítica anticolonial que fala em “invasão”. É parte desse embate a substituição do próprio termo “América” por “Abya Yala”,¹ como fazem os povos andinos desde os anos 90 do século XX. Hoje, permanece ainda a crença chamada de “terraplanismo”, que avançou com o fascismo em vigor, e que não é apenas mais um delírio de massa, é também a caricatura da disputa sobre o conceito de mundo.

Mundo é um assunto decisivo nas perspectivas territorial, teológico-metafísica ou econômica. Certamente, também é sempre um tema político.

1 Na língua do povo Kuna, que habitava entre o Panamá e a Colômbia antes da invasão do território heterodenominado “América”, Abya Yala significa “terra que floresce”, “terra madura”, “terra em seu total esplendor”. Organizações e instituições de povos andinos usam o termo para se referir ao continente americano. Ver “Os povos indígenas na América Latina: avanços na última década e desafios pendentes para a garantia de seus direitos”, publicado em 2015 pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal).

Com a dominação da política, como fundamento da condição humana, pela ideologia do economicismo capitalista, mundo foi reduzido a mercado, e suas partes, a mercadoria, dentro de um cálculo utilitário. O utilitarismo continua sendo a base de grande parte das "visões de mundo". Se o mundo é objeto ou fonte de conhecimento, não se pode esquecer que ele é espaço habitado e condição de toda experiência, inclusive da própria "experiência de mundo". O mero olhar humano, assim como todas as teorias criadas sobre o mundo, mais projeta do que revela algo sobre ele. Efetivamente, algo como "o mundo" só pode ser concebido dentro dos limites do pensamento, como em Kant, ou dos limites da linguagem, como sustentava Wittgenstein. Isso significa que há muito mais do que se pode conceber e, paradoxalmente, o mundo que concebemos está cada vez menor, tendo em vista a quantidade de habitantes e o volume crescente de relações e de seus potenciais mediadores. Quando levamos em conta a internet como "novo mundo", percebemos que o mundo se estabelece entre a entropia e a neguentropia, que ele

está, ao mesmo tempo, cada vez maior e cada vez menor em decorrência dos processos de organização e desorganização que lhe são constitutivos.

A ideia de que os limites do mundo são “limites da linguagem”² pode ser visualizada, em chave política, na relação entre linguagem e política como uma banda de Möbius.³ Isso quer dizer que, assim como

2 Ludwig Wittgenstein, *Tractatus Logico-Philosophicus*, 1968, p. 111.

3 A banda de Möbius é uma figura da geometria projetiva. Trata-se de uma imagem útil pela qual se visualiza o entrelaçamento de linguagem e política como duas faces de uma mesma fita, em que exterior e interior são o mesmo devido a uma torção das superfícies. Recuando no tempo, vemos que, em Aristóteles, as definições do *zoon logikon* [animal racional] e do *zoon politikon* [animal político] se assemelham a essa estrutura. A banda de Möbius pode ser também um esboço útil da relação entre teoria e prática, entre discurso e ação. Enquanto ela nos permite visualizar a torção, o momento em que uma coisa se torna outra, ou seja, o ponto de encontro entre dois lados opostos implicados entre si, nos serve também para visualizar o caráter de projetividade, ou seja, a condução de um lado ao outro. Nesse sentido, a imagem expõe uma topologia não estática, com a qual podemos pensar questões políticas, sobretudo aquela que nos toca desde a “11ª Tese sobre Feuerbach”: como superar a simples interpretação do mundo e transformá-lo.

na famosa fita do matemático do século XIX, uma coisa passa pela outra, um lado entra em torção e se transforma no outro. Os limites da linguagem não são apenas os limites daquilo que é representável e compõe o mundo como espaço linguisticamente concebido. O mundo é o que se cria na linguagem, e a linguagem define o limite do mundo, sendo que o que chamamos de mundo vem a definir o que podemos em termos de linguagem. Mundo e linguagem se confundem em função de limites que são, na verdade, contornos. Contudo, é a própria definição do limite que se esgarça quando a linguagem é manipulada, e esse é um problema que turva a nossa visão de mundo.

Podemos criar teorias e fantasias sobre o mundo, mas jamais envolvê-lo ou "tomá-lo" senão pelas representações que temos dele, por conceitos, noções e imagens mentais que nos são dadas ou que nós mesmos criamos, definimos ou posicionamos mental e linguisticamente. A ideia de mundo é "uma" ideia em disputa enquanto é "a ideia" que permite o jogo da dominação entre ideias. Por ser uma

ideia geral, ela comporta todas as outras. Mundo é uma ideia matriz que define as condições de possibilidade de outras ideias sobre o mundo, e até mesmo de “mundos” no plural. Mundo é um arquétipo, um arque-tipo, uma imagem anterior a todas as outras, continente, abrangente, uma figuração ou configuração, um princípio “conceitográfico”, uma espécie de “tipografia” geral a partir da qual se organizam códigos.

Cada mundo é o conjunto dos fatos que podemos reconhecer, ou seja, das coisas que acontecem e que podem ser reconhecidas como acontecimentos. Determinar o que acontece implica gerir um mundo. O contexto simbólico-existencial é o *locus* onde acontecem as coisas que podem ser reconhecidas, na medida em que os acontecimentos ou fatos linguísticos, como tais, dependem da cognição para serem lidos. Se não se pode conhecer a coisa em si, como levamos em conta desde Kant e Schopenhauer, uma coisa pode ser compreendida por meio de sua representação. Mundo é uma representação de um conjunto de representações. A compreensibilidade, por sua vez,

fazendo parte do mundo, é uma potência do sujeito do conhecimento. O controle da representação das coisas, ou seja, o controle das ideias, dos conceitos, das palavras e das imagens, é parte fundamental dos jogos de poder que agem linguisticamente.

Desse modo, ao conjunto de acontecimentos dentro de um contexto compreensível chamamos de mundo. O próprio pensamento é um acontecimento, ou seja, um fato que pode ser objeto de compreensão e que, fazendo parte do mundo, ao mesmo tempo, nos permite chegar a ele. O mundo é um conjunto de fatos que não podem ser compreendidos, mas que o podem ser dentro dos limites de quem compreende. Isso quer dizer que, do mundo, temos uma compreensão sempre precária, realizada com base na nossa experiência, ou seja, nos dados que nos são fornecidos para que possamos compreender. É essa experiência de mundo que é manipulada econômica, teológica, estética e politicamente.

Dizer que o mundo está em disputa implica afirmar que há jogos de poder sobre a ideia matriz de representação do universal que não podem ser ne-

gados de um ponto de vista ecológico. Ao longo da história, teóricos se fixaram na questão da natureza humana e depois da espécie humana. Hoje, se trata de pensar em termos da vida do planeta no qual a espécie humana vive de maneira predatória ao lado de outras. Estratégias linguísticas e discursivas, na forma de narrativas, são produzidas para evitar que as pessoas compreendam o mundo e sua situação no mundo. No extremo, o controle da ideia de mundo visa ao controle do mundo como campo de experiência, o que só é possível pelo controle da linguagem, que seria capaz de analisar, conceber, questionar. Em suma, de montar e desmontar algo como um “mundo” com base em uma ideia e na forma de narrar essa ideia.

Ao lado da linguagem verbal, a linguagem visual é dominante nas sociedades que compõem a civilização⁴ atual. Portanto, devemos compreender “narrativa” como algo que cria um mundo organizado

⁴ Civilização aqui tem um sentido substantivo, didático e retórico, por ser uma palavra conhecida, e não um sentido qualitativo.

em palavras e imagens. Esse mundo implica uma verdade verbovisual, discursivo-visual ou literário-visual coesa. O sistema simbólico atual instaura narrativas verbovisuais dominantes para definir todas as demais narrativas de maneira programática. Nesse sentido, se fôssemos trabalhar com hipóteses filosóficas, como a caverna de Platão, o Leviatã de Hobbes ou a horda assassina do pai de Freud, diríamos que a primeira grande narrativa foi instaurada pelo macho dominante (que não deixa de ser um leviatã formado de todos os corpos de todos os homens a serviço do poder) como uma ameaça a todas (todes e todos) que não servissem aos seus privilégios. O *pater potestas* [pai de família] é um arcaísmo que continua em vigência como uma forma de terror tanatopolítico sobre os corpos ameaçados dentro do sistema atual, no qual a distopia foi naturalizada. Mais que isso, a tendência dominante do senso comum é o império da teologia econômico-política neoliberal em que a distopia se tornou capital. O neoliberalismo é, ele mesmo, uma distopia a ser superada. Contra a distopia naturalizada de uma estação espacial neoliberal para 1% da popu-

lação humana viver, proponho a utopia de mudar o destino do mundo habitado por diversas espécies.

Dividi este livro em três segmentos: uma introdução e duas partes que dispõem conceitos e questões que funcionam como “células-tronco” de pensamento, pois visam a curar corpos mentais adoecidos. Esta introdução – que é, como as partes, também subdividida e que alguns podem considerar um pouco longa – visa a apresentar o problema da catástrofe naturalizada que é explicitada em “Código distópico”. Trata-se da descrição do mundo codificado fundamentada na catástrofe na qual vivemos. Nela, constrói-se a crítica do pesadelo e da alucinação patrirracialcapacitalista em torno da ideia de mundo. A segunda parte trata do que chamei de “Códigos utópicos”. Nela, busquei falar de utopia apontando para o seu caráter de abertura ao outro, como um contraponto natural da ideologia vigente e como capacidade de criar mundos possíveis para além da destruição naturalizada que dá a tudo um ar de distopia.

Trabalhei cada um dos tópicos como atos de pensamento dispostos em sequência. A imagem das “cartas na mesa” ajuda a entender o método de composição do livro. Espero que os argumentos apresentados possam desenhar uma imagem compreensível da distopia vivida como verdadeira realidade e como “melhor dos mundos possíveis” e que, sobretudo, estimulem a pensar. No ato de pensar criticamente está a promessa de atravessar a neblina provocada pelas bombas do gás ideológico que nos mantêm presos no abismo do sistema e programados para obedecer.

Ver a luz no meio da neblina, catapultar o pensamento para além do sufocamento vigente, é o objetivo do processo, que se parece com um jogo. Para jogar, é preciso mover a pedra fundamental do desejo contra gigantes devoradores, com suas presas afiadas devorando a vida como um todo. Acredito que o livro, como objeto utópico, é uma boa pedra para lançar contra a boca aberta dos gigantes e, assim, desequilibrar a engrenagem que nos mastiga sem piedade.

A imagem perturbadora de mundo sobre a qual falo neste livro pede socorro à imaginação, que promete refazer o campo do sentido como uma ferida que se cura de dentro para fora. Se a ideia de mundo é uma imagem manipulada na sociedade da administração visual, na qual a imagem é o próprio capital, libertar essa imagem é como abrir as portas e as janelas de uma prisão.

Descrever a experiência do que se entende por “mundo” hoje obriga a avançar na direção de uma fenomenologia política capaz de enfrentar a distopia real enquanto aponta para fora dela. Outra iconologia política deverá surgir no meio dessa fenomenologia voltada à compreensão do patriarcalcapitalismo. Uma poético-política acompanha essa fenomenologia. Ela é necessariamente feminista, no sentido de projetar um mundo de cuidado e comunhão entre seres humanos e natureza. Ao mesmo tempo, é comunista, no sentido de agenciar a consciência do comum, e é teórico-crítica, no sentido de buscar um diálogo que reforce o lugar da

reflexão ativa e transformadora do mundo. Na base, é a consciência do possível como impulso da teoria o que constrói uma tática de guerrilha conceitual e o novo desenho do mundo que buscamos.

Ao reler o meu próprio trabalho, percebo que se inscreve perfeitamente na perspectiva dos movimentos “altermundialistas”, que se guiam pelo enunciado revolucionário “outro mundo possível”. Em certo sentido, as bases dessa modesta contribuição surgiram há décadas no começo da minha experiência com a filosofia, quando, bem cedo, me deparei com a “11ª Tese sobre Feuerbach”, de Marx: “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes formas, o que importa é transformá-lo”.⁵ Me alegro em me ver às voltas com as promessas da juventude, mais uma vez.

5 “Die Philosophen haben die Welt nur verschieden interpretiert; es kommt aber darauf an, sie zu verändern.” Karl Marx, *Thesen über Feuerbach*. [Nach dem mit dem Marxschen Manuskript von 1845 verglichenen Text der Ausgabe von 1888], 1955.

Às leitoras e aos leitores, desejo uma boa viagem pelas páginas que seguem, esperando que este livro seja também um veículo que, trafegando sobre o vazio, nos permita vislumbrar, para além do abismo, outro mundo possível.

A NATURALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA DA DISTOPIA

Vivemos uma distopia coletiva aceita e permitida.

A destruição foi naturalizada, ou, em termos mais explícitos, a destruição universal foi naturalizada. A tese não é nova e é fácil acusá-la de catastrofismo, conspiracionismo, culto apocalíptico ou até mesmo delírio. Contudo, se há um grão de verdade em todo delírio, como diria Freud, nesse caso, ele está no potencial de contraposição dessa tese à retórica do otimismo que faz parte da modernidade capitalista e que chega até nossa época totalmente naturalizada e, não por acaso, universalizada.

A proposição pessimista universal é uma provocação. Ela oferece um parâmetro de comparação com o abstrato otimismo reinante, que, paradoxalmente, tem atrapalhado o nascimento da utopia como promessa e como projeto ao se oferecer como utopia realizada. O otimismo prático é a virtude daqueles que Frantz Fanon chamou de “os condenados da Terra”⁶ — os que buscam impulsos para seguir lutando pela vida —, mas que, invertido, na retórica do sistema, serve também como autofetichização do capitalismo. Minha esperança é que dessa equação que contrapõe pessimismo e otimismo resulte uma percepção mais aguçada da realidade atual do mundo, o que não podemos supor antes da análise.

A destruição foi naturalizada para se tornar palatável. A destruição aceitável, ou seja, que pode ser desfrutada pelo gosto, não é dirigida aos donos do poder econômico, que terão sempre garantido todo o prazer que o dinheiro pode comprar e que o sadismo pode promover. A destruição resulta em uma

6 Frantz Fanon, *Os condenados da Terra*, 2022.

imagem em que miséria, pobreza, fome, doença, sofrimento e guerra mostram seu poder sobre corpos lançados à própria sorte nas ruas das grandes cidades.

A destruição naturalizada é também uma metodologia e uma tecnologia política oferecida às classes exploradas, aos pobres que não têm direito ao “bom gosto”, mas que sempre podem desejar ter o que não poderão no processo de alienação econômica que se vale de manipulações estéticas. A alienação é também estética: o “melhor” não estará ao alcance das massas aduladas com lixo cultural. Assim, a exclusão é econômica, mas é também estética, como mostrava Pierre Bourdieu em seu clássico livro sobre o senso estético como senso da distinção,⁷ que é, ao mesmo tempo, uma tecnologia política.

No contexto da destruição naturalizada, a estética burguesa vem camuflar o horror, que deve parecer “belo”. O “belo” é administrado em sua função de acobertar, o que só é possível no apagamento total da

⁷ Pierre Bourdieu, *A distinção: crítica social do julgamento*, 2007.

diferença, ou seja, na produção da semelhança geral. Corpos, casas, cidades inteiras, tudo obedece ao princípio decorativo imposto pelo design capitalista. O “belo” não é mais do que uma máscara para o horror e pede concordância dos indivíduos e assentimento das massas. O conservadorismo é estético, e é desse modo que ele transmite e assegura a conservação. A naturalização da destruição nada mais é do que a repetição a qualquer custo, o que impõe a norma visual, mas livra do cuidado com o mundo. O conservadorismo é o contrário técnico da utopia e é, ao mesmo tempo, mitomaniaco, ou seja, criador de narrativas que modulam a verdade que ele precisa transmitir.

O que sobra dessa equação é a verdade da destrutibilidade, categoria que precisamos enfrentar no contexto da análise do sistema que nos programa. Nesse caso, a destrutibilidade, como potencial e como valor, está expressa na experiência de distopia vivida em um sistema simbólico, econômico e político camuflado de “melhor dos mundos possíveis”,⁸

8, Voltaire, *Cândido, ou o Otimismo*, 2012.

como dizia o personagem Cândido no irônico conto filosófico publicado por Voltaire no final do século XVIII. Aqui, chamaremos esse sistema de “patrirracialcapacitalismo” – amálgama de patriarcal, racial, capitalista e capacitista –, abreviado por PRCC. A intenção desse nome feio, abreviado com essa sigla chamativa, é expor a unidade de opressões que incidem sobre todos os seres da Terra, da qual os indivíduos humanos – e seu genérico coletivo “ser humano” –, em suas dimensões corporal e psicopolítica, são os principais agentes e também as vítimas junto a outros seres não humanos, sobre os quais nossa espécie destrutiva sabe muito pouco.

O patrirracialcapacitalismo não visa apenas a abusar dos corpos que usa para se manter, ou violentar o ecossistema do qual depende enquanto sustenta a fantasia de sua infinitude, mas visa a destruir o mundo, o que implica destruir a si mesmo. O projeto de destruição é explícito, e cada vez mais pessoas percebem isso. O clima de otimismo que ofusca a realidade está cada vez mais abalado. Apesar da ingenuidade dos seres humanos, sobretudo quando

se lançam na “massa”, vicejam a desconfiança e a dúvida quanto ao sentido da vida sob o sistema, o que fica explícito no recrudesimento de religiões que oferecem paz a espíritos atormentados. Para as pessoas concretas, é difícil perceber que os tormentos experimentados não vêm “de dentro”, da “alma” ou da “subjetividade”. Nem mesmo dos desígnios de Deus, tampouco são produto do “espírito” que não encontrou equilíbrio. Eles são frutos do sistema que projeta e calcula sobre o sofrimento de cada corpo. O cálculo sobre o que pensamos e sentimos, incluso o sofrimento, implica o psicopoder, ou seja, faz parte do arranjo do PRCC.

Que super-ricos projetem estações espaciais para habitar longe do planeta Terra é um sinal de múltiplos significados: a desvalorização do planeta, seu descarte como lixo, seu abandono irresponsável, o desrespeito pelas espécies que nele habitam e pela vida de um modo geral, além de uma brutal falta de amor-próprio. A prepotência patrirracialcapitalista esconde não só a falta de amor aos outros, mas também a falta de amor a si mesmo. A falta de

erotismo, no sentido genérico de disposição para a vida, revela o gozo com a morte em sua fase viciada. A aniquilação de tudo e a autoaniquilação entregam-se ao abismo. A vida vem sendo danificada⁹ e já não basta acionar o aviso de incêndio, como diria o filósofo alemão Walter Benjamin. É preciso saber que psicopatas rondam a nossa casa munidos de todas as armas que podem ser usadas numa guerra híbrida infinita. Super-ricos estão no topo de uma cadeia em cuja base estão os miseráveis devorados pela fome e pela necessidade, os que têm menos chance de se proteger nos espaços da cadeia aprisionante do sistema.

No cerne das questões e dos problemas que obrigam a discutir sobre utopias e distopias, desponta neste livro um tema filosófico, tão epistemológico quanto político: o tema do mundo em disputa. O neoliberalismo, como teologia econômico-política, organiza-se como um procedimento de dominação do mundo que passa pelo controle das ideias que

⁹ O subtítulo de *Minima moralia*, de Theodor Adorno, é *Reflexionen aus dem beschädigten Leben* [Reflexões sobre a vida danificada], que também poderia ser o subtítulo deste livro.

flutuam na esfera da linguagem como substâncias que valem muito dinheiro. As ideias são a quintessência do capital. Indivíduos e grupos que desejam controlar o mundo precisam capturar e controlar as ideias, principalmente a “ideia” de mundo. A ideia de Deus já foi usada para isso. Todo controle precisa ser administrado, ou seja, dirigido e governado economicamente, o que se faz a partir de cálculos em diversos níveis, inclusive sobre o que se pensa e se acredita, sobre o que se sente e o que se deseja, que é o cálculo sobre a percepção, o chamado psicopoder.

A ideia de mundo é a principal ideia a ser dominada, tanto quanto se faz com as ideias de Deus e tantas outras, mas, para isso, precisa ser administrada. O que chamo de “ideia de mundo” é a representação do mundo que deve ser apresentada para formar o espelho das crenças e manter a estrutura da dominação.

Em política, sempre podemos falar de codificações utópicas e distópicas e das guerras contra o povo, bem como das lutas por hegemonia que tais codificações provocam. A disputa entre codifica-

ções gera atritos e antagonismos que são naturais em uma democracia. A própria democracia é um sistema de codificação de caráter agonístico,¹⁰ em que o caos e o desentendimento são regras de um jogo que, paradoxalmente, pode gerar a única justiça possível. De qualquer modo, para entender o que a política faz conosco e o que podemos fazer com ela, é preciso tomar ciência de como esses códigos são acionados, como eles estruturam o nível ontológico, ou seja, o ser que somos, mas também o nível ético-político, o que fazemos a partir do que o sistema faz conosco. O jogo político, como jogo de linguagem, é um processo que envolve nossa existência reduzida a peças de uma engrenagem.

¹⁰ Chantal Mouffe, *Agonistics: Thinking the Word Politically*, 2013.

UMA GUERRILHA CONCEITUAL CONTRA A DESTRUIÇÃO NATURALIZADA

Diante da guerra de destruição promovida pelo sistema econômico e simbólico em curso, proponho uma guerrilha conceitual que nos permita pensar, ao mesmo tempo, utópica e pragmaticamente sobre um mundo que vem sendo destruído e cuja destruição foi naturalizada e oferecida, ela mesma, como mercadoria. Tendo sido proposta como o melhor dos mundos para sujeitos reduzidos a espantalhos do sistema, a destruição naturalizada implica a contínua produção da destruição de um mundo moldado como distopia como se fosse o seu contrário, a utopia. Isso é possível porque a mercadoria foi

elevada à forma cognitiva do mundo e interiorizada nos esquemas de pensamento.

A guerrilha conceitual é a defesa da reflexão e do impulso utópico inerente ao pensamento crítico. Com isso, quero falar da utopia pragmática, ou seja, da reflexão com senso de consequência quanto ao destino do mundo. Ela se dá em nome de uma democracia concreta e radical, que inclui a participação de todos os corpos, de todos os grupos que, até o momento, estiveram submetidos ao monopólio da violência patriirracialcapacitalista. A democracia radical é parte da proposta de um outro mundo possível,¹¹ liberto da distopia da destruição naturalizada.

¹¹ A frase “um outro mundo possível” pode ter sido inspirada numa frase citada do poeta Paul Éluard. “*Il y a assurément un autre monde, mais il est dans celui-ci et, pour atteindre à sa pleine perfection, il faut qu’il soit bien reconnu et qu’on en fasse profession. L’homme doit chercher son état à venir dans le présent, et le ciel, non point au-dessus de la terre, mais en soi*” [“Existe certamente um outro mundo, mas ele está neste, e para atingir a sua perfeição total, é preciso que ele seja bem reconhecido e professado. O homem deve procurar o seu estado futuro no presente, e o céu, não acima da terra, mas dentro de si”]. Paul Éluard, *Oeuvres complètes*, 1968, p. 986.

A destruição vem sendo naturalizada como alternativa, o que constitui um paradoxo. Contra ela, a guerrilha conceitual, reflexiva e teórica impulsiona à práxis, para a qual o trabalho do pensamento é uma base concreta de apoio. O objetivo deste livro é, portanto, servir de fundamento, de chão e de instrumento de reflexão. Ele busca entrelaçar-se à luta prática, pois nasce dela e sabe da importância de estimular as consciências.

Che Guevara definiu “guerrilha” como a ação da vanguarda combatente que se defende do opressor cujo poder de ataque é imensamente maior do que a ação dos guerrilheiros. Aqui, opressor é o sistema simbólico e econômico que opera entre as violências simbólica e física, entre a humilhação e a adulação, entre a enganação e a desinformação, contra corpos e mentes que ele precisa capturar, moldar e fazer funcionar conforme seus interesses até o descarte, quando esses corpos – vítimas da avareza, do ódio, da usura e do abuso – são lançados ao abandono numa espécie de pena de morte por descaso. A culpa e a responsabilidade ficam por conta da própria

vítima proscrita do jogo a cujo serviço ela foi submetida. Precisamos nos defender desse sistema que nos aliena se quisermos resistir para mudar o estado de coisas injustas que ele produz e reproduz.

A guerrilha conceitual é um movimento que visa ao desencadeamento de uma estratégia de superação do PRCC, cujo princípio tóxico precisa ser vencido objetivamente, mas também subjetivamente, ou seja, dentro de nós. Afinal, não haveria machismo, racismo, capacitismo e capitalismo se não houvesse interiorização de seus funcionamentos por meio de mecanismos de subjetivação que envolvem corpos, desejos, pensamentos, sentimentos, afetos e crenças.

A opressão objetiva escraviza e dociliza corpos simulando seu acordo e consentimento, pois eles raramente conseguem se contrapor ao sistema. O corpo seduzido reage com idolatria ao sistema que o captura. O corpo revoltado reage revolucionariamente contra toda tentativa de opressão.

A guerrilha conceitual se constitui no questionamento e na liberação de conceitos para uso comum visando à construção de outro mundo comum. É preciso liberar o pensamento para que ele

se torne reflexivo e, desse modo, possa favorecer a experiência humana em suas dimensões existencial, material, corporal, cultural e linguística, para o desenvolvimento de uma vivência de felicidade. Felicidade é um conceito político utópico que foi devorado pelo sistema, cujo potencial transformador deveria ser devolvido às pessoas. A guerrilha conceitual não descansará enquanto não alcançar o seu objetivo de libertar nossos corpos.

De fato, a artilharia capitalista totalitária, imperialista, misógina, racista e capacitista promovida pelos donos dos meios de produção da linguagem é gigantesca e desproporcional diante de instrumentos de luta que, com muita dificuldade, poderíamos chamar de “armas”. A guerrilha em questão é contra uma guerra sistemática. Ela visa a superar o sistema da violência e do ódio genérico contra a vida e contra os corpos insurgentes que resistem como portadores da vida capturada no sistema antvida em nome do ódio sistematizado.

Espero que as palavras deste livro possam ir além das armas. Que elas possam ser instrumentos mágicos da guerrilha conceitual na luta ritual do

pensamento reflexivo contra o sistema da opressão ultra-armado, em plena artilharia contra os corpos que anseiam e lutam por democracia radical, uma democracia qualitativamente diferente da teatral democracia burguesa que acoberta o PRCC e seu projeto de extermínio dos vulneráveis.

O sistema de dominação e opressão que precisamos compreender é perverso. Ele calcula sobre a dificuldade que temos em acreditar no que está acontecendo. Despertar do pesadelo exige esforços aos quais não estamos acostumados. A consciência da qual dependem todos os movimentos transformadores está cada vez mais rara. Ela tem sido aniquilada pelo poder em jogos psicopolíticos.

Do resgate do pensamento crítico emerge a salvação da ideia de mundo da qual dependem as transformações capazes de nos livrar do PRCC, em que o neoliberalismo narcísico e o narcisismo neoliberal-fascista, em mais uma expressão escatológica atual, seguem dominando corpos e produzindo subjetividades perversas que garantam a sustentação de um sistema perverso. Uma guerrilha conceitual

pode despertar do sono dogmático do momento. Este trabalho deriva da consciência utopista de que os rumos políticos e sociais que podemos seguir, como espécie ou comunidade humana, dependem da retomada de formas de pensar que produzam libertação subjetiva e objetiva, que devolvam a imaginação às pessoas e garantam o respeito à existência do diferente, inclusive de outras espécies além da humana, considerando o planeta como um lugar onde o especismo humano precisa ser superado. Essa luta é pela defesa do que é “não idêntico” no contexto do sistema PRCC.

A ARTILHARIA IDEOLÓGICA NA PRODUÇÃO DE UMA ESTRUTURA DESESTRUTURANTE

Uma guerra cultural é perpetrada pelos donos dos meios de produção do mundo, que dependem do monopólio da ideia de mundo para produzi-lo. Não seria por menos que os neoliberais estocariam ideias e capital em vez de alimentos, algo que eles sabem que nunca vai lhes faltar, pelo menos até o fim do mundo, que faz parte do seu projeto tanatopolítico – mesmo que, antes do fim, o mundo inteiro esteja faminto.

A guerra em curso é ideológica e econômica, psicológica e moral, estética e teológica. Ela é travada contra os corpos humanos e contra os corpos de

outras espécies existentes. Essa guerra é linguística e física e visa a imprimir códigos ao pensamento, à sensibilidade e à conduta humana. É uma guerra de controle que incide sobre a percepção de indivíduos, mas afeta populações inteiras. Ela opera numa direção antiutópica para atacar crenças e desejos, o ser e o dever-ser. Transformar o povo em massa e garantir que cada indivíduo seja incapaz de revoltar-se contra a dominação é fundamental ao andamento dessa guerra. É contra ela que propomos uma defensiva guerrilha conceitual.

O termo guerra pode soar exagerado para os mais apegados à literalidade, mas ele aponta para a tática de bombardeios publicitários, midiáticos, imagéticos, discursivos e narrativos aos quais as pessoas se acostumam de tal forma que se tornam incapazes de vê-los, não podendo, desse modo, imaginar como seria possível fugir deles. É uma economia psicopolítica do choque,¹² que administra a vida

12 Sobre o choque como estratégia, remeto ao livro: Christoph Türcke, *Sociedade excitada: filosofia da sensação*, 2010.

cotidiana e imprime um algoritmo ao seu metabolismo. A artilharia ideológica é sempre vencedora e transforma a todos em seres assustados, estressados e/ou conformados. Proteger-se dessa artilharia e preservar a vida implica saber agir nas trincheiras, evitando ser capturado pelos inimigos publicitários e midiáticos que confinam e canibalizam corpos para seu uso e sustento. O objetivo é retirar de cada corpo existente a dimensão da possibilidade, relançando-o numa servidão, em uma espécie de ritual diário monótono e repetitivo.

Hoje, a velha e perigosa expressão “pegar em armas” se tornou a prática da extrema-direita e dos fascismos que avançam com a exacerbação da guerra ideológica. Apesar disso, é preciso lembrar que as armas mais poderosas são sempre as linguísticas, alicerces do sistema simbólico onde se estabelece e se mantém a dominação. O nível simbólico e o linguístico se entrelaçam como urdidura e trama. Assim como armas físicas funcionam como símbolos, símbolos são armas linguísticas que, na contramão da dominação simbólica, podem ser usadas

para reverter a dominação, inclusive a dominação fascista em voga em nossa época. Portanto, as armas linguísticas têm o potencial de afetar o sistema simbólico, que, tomado pelo fascismo, é também destruído por ele. Destruir, no fascismo, é verbo intransitivo. O fascismo destrói – e tanto e indistintamente que destrói o outro e a si próprio. Por isso, seus críticos têm a impressão de irracionalidade, quando, na verdade, se trata de uma pura lógica em funcionamento e sem limites contra a linguagem.

A lógica interna do fascismo pode ser denominada de “estrutura desestruturante”. Pierre Bourdieu usou as expressões “estrutura estruturante” e “estrutura estruturada”¹³ para se referir aos sistemas simbólicos que organizam a sociedade. O fascismo é, pois, um dispositivo de corrosão do sistema que pretende se instaurar como sistema. Ele funciona na exploração de um paradoxo: a guerra contra a cultura é, ela mesma, cultural. A impressão de que

13 Pierre Bourdieu, “Sur le pouvoir symbolique”, 1977, pp. 405-411.

o fascismo age contra o sistema deriva de seu ataque à linguagem. Seu paradoxo está em produzir um mundo destruído.

O neoliberalismo, que visa à destruição do Estado democrático e de bem-estar para a sustentação de um Estado rígido a serviço dos donos do poder, de produzir a morte pela guerra, pela fome e pelo desespero, tem no fascismo a sua forma estética e política. O Estado mínimo se torna um Estado máximo produzido pelos donos do capital e das classes exploradoras no neoliberalismo. A ideia do Estado mínimo é a quintessência do capitalismo. Ela serve como princípio articulador de mundo. Sendo a forma condensada e absoluta do Estado, o neoliberalismo é o fascismo em si mesmo, ou a coisa-em-si do fascismo, ele mesmo o mundo da morte organizado como ideologia.

A maldição antialteridade do sistema é contra a linguagem, que é berço da alteridade, mas que deve eliminar sua própria alteridade interna, presente pelo processo da imaginação. A imaginação é a abertura da linguagem. O extermínio do outro é

antecipado na linguagem fechada e, portanto, morta em sua função ontológica mais simples. O extermínio do outro é, portanto, o extermínio do próprio sentido do qual derivam todos os outros sentidos e da própria possibilidade de produzir sentido, o que só se alcança na experiência da alteridade. A desestruturação deve funcionar como tecnologia antissimbólica, ou seja, como algo diabólico que ninguém está autorizado pelo sistema a ver como tal.

O REALISMO PATRIRACIALCAPACITALISTA COMO INDÚSTRIA TERRORISTA DA DISTOPIA NATURALIZADA

Mark Fisher utilizou a expressão “realismo capitalista”¹⁴ sinalizando para a ausência total de esperança em relação à superação do capitalismo. Em sua definição, o realismo capitalista é a sensação generalizada de que não apenas o capitalismo é

¹⁴ O movimento do realismo capitalista surgiu em Berlim nos anos 1960 e teve Sigmar Polke como um dos seus principais expoentes. O movimento satirizava o realismo socialista soviético e a *pop art* estadunidense, cujo intuito era a produção massificada da arte para o consumo.

o único sistema político e econômico viável, mas que se tornou impossível imaginar uma alternativa coerente com ele.¹⁵ A famosa sentença de Margaret Thatcher¹⁶ acerca da inexistência de alternativa ao sistema tornou-se o slogan do realismo capitalista de Fisher. Fisher partilha essa posição pessimista com teóricos como Slavoj Žižek e Fredric Jameson. A posição pessimista desses autores deve ser levada muito a sério, embora seja necessário também dizer que não se deve confundir pessimismo com ética. Uma estética do pessimismo precisa ser substituída por uma ética da imaginação política. O pessimismo

15 Mark Fisher, *Capitalist Realism: Is There No Alternative?*, 2009.

16 Na lógica do sistema, a ideia de que é possível um mundo melhor do que o conhecido deve ser impedida de avançar. Por isso mesmo, a velha frase de Margaret Thatcher – “*There is no alternative*” [Não há alternativa] – foi celebrada no cenário da globalização como um texto oficial. Ela foi o slogan do capitalismo neoliberal a deixar claro que não há espaço para mais nada e que não adianta pensar em alternativas. O sistema sacrificial não admite questionamento. O fato de Thatcher ser uma mulher apenas aciona a distopia sobre a qual o patriarcalismo renova sua lógica falaciosa.

é a verdade que pede socorro à imaginação, e falaremos disso na segunda parte deste livro.

Analisando o filme *Filhos da esperança*,¹⁷ Fisher percebe uma mudança na apresentação da distopia que o faz compreender o funcionamento do realismo capitalista. Segundo ele, antigamente, filmes e romances distópicos eram exercícios de imaginação. Os desastres serviam de pretexto narrativo para a emergência de outras formas de vida. Em *Filhos da esperança*, Fisher vê uma narrativa que parece projetar um horror conhecido. O autor se vê angustiado com a extrapolação ou exacerbação do mundo conhecido, no lugar de uma alternativa a esse mundo. A correspondência entre o “mundo cinematográfico” e o “mundo real” é motivo de perplexidade por representar uma mudança de paradigma sobre a percepção humana.

No filme, a continuidade entre os elementos próprios ao “ultra-autoritarismo” e ao “capital” se mostrou compatível. Fisher percebe a coexistência

¹⁷ Alfonso Cuarón, *Filhos da esperança*, 2006.

de “campos de concentração e cafés de franquia”,¹⁸ o que faz lembrar das pessoas que hoje posam em fotos – às vezes sensuais – diante dos portões de Auschwitz para colocar nas redes. Em *Filhos da esperança*, o espaço público é destruído e invadido pela natureza selvagem como em muitos outros filmes distópicos, mas Fisher comenta que ali tudo acontece em clima de convivência.

O autor vê nos neoliberais os realistas capitalistas por excelência. Na fajuta retórica do Estado mínimo, o sequestro do Estado para fins privados é evidente. No filme em questão, a naturalização do horror faz parte disso. Como diz Fisher, a catástrofe não está à espera, nem já aconteceu, mas, ao contrário, ela está sendo vivida e experimentada como se fizesse parte do cotidiano. Não há um momento específico em que ocorre o desastre, ele se torna contínuo e imemorial. O mundo vai se desfazendo gradualmente, e um estranho conformismo toma conta de tudo.

18 Mark Fisher, *op. cit.*, p. 2.

Se, por um lado, o cinema mostra a realidade permitindo a crítica, por outro, na ausência de pensamento reflexivo capaz de levar a cabo a crítica, a realidade como horror é normalizada. Fisher tem razão em suas observações. Ele sabe que o sistema caracterizado pela estético-política do realismo capitalista deseja que ninguém, inclusive seus críticos, incomode. Que todos trabalhem para a manutenção do sistema sem perturbar a ordem. Os insatisfeitos podem continuar gritando, pois irão se conformar na prática e, por fim, morrer como todo mundo.

No que chamamos de realismo patrirracialcapitalista, a catástrofe é fomentada, e a estética da violência define a realidade. Ao mesmo tempo, a indústria audiovisual surge como populismo estético, no qual os estilos que escapam da dominação da indústria cultural são tratados como inimigos, enquanto o “povo” – ou seja, espectadores que compõem massas sem reflexão – é adulado com entretenimento e produtos mentais e cognitivos fáceis e excitantes, pois todo desafio intelectual deve ser eliminado. O populismo estético vem

aniquilando a capacidade de pensar e de sentir das populações, mas também a capacidade de perceber. As empresas de cinema e audiovisual vendem narrativas distópicas como nonsense estetizado para o consumo de massas anestesiadas que conseguem ver no horror espelhado nada mais do que mero entretenimento. O sistema oferece a idolatria, cujos ídolos são igualmente instrumentalizados, enquanto adula o adorador, a quem é permitido adorar um ídolo. Forma-se um círculo vicioso em que não se permite outra forma de vida fora da obediência à indústria cultural.

O que o realismo capitalista vende é a ideia de que a crítica não passa de amolação, pois a "realidade" não pode ser modificada, que a luta não passa de barulho, pois ela é inútil. Diante do pressuposto de que não há alternativa, não deve haver luta capaz de produzir saídas que desestruem o sistema da desestruturação estruturante. Construir alternativas a um mundo em demolição permanente não é permitido. O sistema lucra porque, segundo o programa de pensamento pronto que ele é, não havendo luta, certamente não

haverá alternativa. A alternativa deve ser extirpada do desejo pessoal e coletivo junto a toda esperança.

A manutenção do realismo capitalista depende da falta de contraponto e da ausência da diferença, da falta de teorias alternativas, de gestos, ações e movimentos contestadores. A sustentação do conformismo e do desespero, efeitos naturais do sistema, são essenciais. Eles devem ser garantidos para a reprodução do sistema no seu eterno convite ao gozo perverso, ou seja, à satisfação de se viver num mundo sem sentido e sem responsabilidade com esse mesmo mundo e com toda a alteridade nele existente. A atmosfera psiconarrativa do mundo cria distopias. Todas revelam a economia-estética da catástrofe no âmbito da normalização e da naturalização.

A catástrofe é a meta que o capitalismo impõe e da qual se alimenta, como quem produzisse um mundo morto – um mundo coisificado – para poder se aproveitar de seu cadáver para sempre. É nesse sentido que o capitalismo é necropolítico. Tudo o que se pensa, se sente ou se faz deve visar à

destruição de um mundo alternativo. Deve aspirar à substituição ou construção do mundo a ser codificado pelo capital. O que podemos chamar de código distópico implica uma estética e uma ética, uma materialidade e uma metafísica. Ele entra em ação na forma de um *looping*, de um circuito infinito e repetitivo a ser garantido por cada corpo humano, seja ele opressor ou oprimido. O que Adorno chamou de “vida danificada” não é um efeito fortuito de uma sociedade que perdeu seu rumo por acaso, mas um projeto racional. Trata-se de uma forma elaborada linguisticamente com contornos de mundo, ou seja, traços estruturantes de um sistema organizado na linguagem – e que precisa ser contestado na prática linguística – que afetam toda a produção do que somos e do que fazemos.

Longe de ser uma gratuidade retórica ou um acaso formal na produção do mundo, a catástrofe difundida tem dois lados: de um, ela expõe a energia psíquica em voga; de outro, é a forma estética da ideologia política do capitalismo em sua configuração neoliberal. A catástrofe está inscrita no projeto

da mundialização capitalista. Ela deve parecer ficção para sugerir que a realidade é outra. O efeito de espelhamento é negativo, e assim deve continuar.

A indústria cultural dos filmes de terror cria o pânico recreativo como forma-mercadoria do pânico real e vende tantos ingressos de cinema e assinaturas de televisão quanto antidepressivos. A catástrofe se contrapõe à utopia e, assim como esta, é uma categoria “efeitual” ou performativa, no sentido de causar efeitos concretos na mentalidade e na ação das pessoas.

O fascismo acoplado ao neoliberalismo depende da catástrofe e se apresenta como distopia realizada. Isso explica o investimento fascista no âmbito estético – procedimento que o fascismo, em seu momento inicial e imaturo, puramente capitalista, já exercia com maestria para controle de sua forma e seu enrijecimento. O fundamento místico da autoridade, no neoliberalismo e no fascismo, sempre foi estético. Ele corresponde à “catastrofização” ou à “flagelização” do mundo ocultas sob a mística da globalização, assim como a estética do extermínio

é a estética da frieza que serve de pano de fundo para a matança.

O terrorismo do PRCC é estético, e a estética do PRCC é terrorista. A economia-política da catástrofe corresponde à estética da catástrofe. Ela é o revestimento do mundo no qual o princípio decorativo está em vigência. A configuração distópica precisa causar medo e estressar o aparelho sensorial tornando o organismo insensível. A função da tortura é abalar sem matar. Quem sobrevive não se torna mais forte, quando muito, mais duro e rígido. Vitimados pelo terrorismo estético, ninguém mais sente a dor do outro. Nem a própria. Esvaziada, a subjetividade dá lugar a um corpo material que perambula pelos shoppings como um espectro.

As violências econômica e estética vêm a ser o principal *input* da reprodutibilidade e da repetição da lógica do sistema. O horror é administrado em doses, como choques em uma tortura. Entre o horror catastrófico e horrores aparentemente mais amenos, entre o horror cinematográfico e o televisivo, entre a ficção e a realidade, há uma continuidade. Se pensarmos em termos de violência simbólica, pode-

mos dizer que ela é gradualmente aplicada de modo a “equilibrar” os níveis em escalas suportáveis, como acontece na tortura.

A estética da violência também se apresenta como violência estética, uma violência que age sobre nosso aparelho sensorial, sobre nossos corpos. A esfera estética da vida assume uma forma assediadora e aterrorizante à qual todos devem se adequar: corpos artificiais, roupas, maquiagens para transformar cada indivíduo em um boneco de plástico, em uma marionete que deverá repetir as falas de seu manipulador, em um processo de ventriloquacidade generalizada.

A mercadoria-mundo e o mundo das mercadorias implicam a destruição de todas as coisas e dos mundos possíveis, inclusive da ideia de um mundo natural, que deve ser completamente substituído pela pura e simples artificialidade. Ao mesmo tempo, se cria uma indústria em que o “mundo natural” é a mercadoria, assim como o corpo e seus órgãos.¹⁹ Das roupas ao sexo, da alimentação ao turismo, da

¹⁹ Paul B. Preciado, “Multitudes queer: Notes pour une politiques des ‘anormaux’”, 2003, pp. 17-25.

meditação à política, tudo recebe os revestimentos estéticos do capitalismo. Ele opera como ordem do cotidiano em termos biopolíticos (o cálculo que o poder faz sobre a vida), anatomopolíticos (o cálculo que o poder faz sobre os corpos)²⁰ e psicopolíticos (o cálculo que o poder faz sobre o que se pensa e o que se sente). Podemos também considerar que se trata de um cálculo do poder sobre a própria linguagem. A vida de cada um já está programada pelo código distópico anatomopolítico. O potencial da utopia como esfera do sonho é descartado no contexto da discursividade pré-programada. A utopia é a forma linguística que deveria fazer frente ao atual estado em que a linguagem também é objeto de consumismo.²¹

20 Michel Foucault, *Microfísica do poder*, 2021.

21 Em *Como conversar com um fascista* (2015), *Ridículo político: uma investigação sobre o risível, a manipulação da imagem e o esteticamente correto* (2017), *Delírio do poder: psicopoder e loucura coletiva na era da desinformação* (2019) e *Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar* (2020), utilizei o conceito de “consumismo da linguagem” para expressar o estado de mercantilização e monetização da linguagem em nossa época. A linguagem é uma arma de manipulação, ao

Mas, no momento em que ela mesma é transformada em mercadoria, o que se pode fazer senão tentar resgatá-la do seu aprisionamento?

A destruição nas mais diversas escalas transforma-se em um método, mas também em produto na forma da cena exposta. Como método, a destruição (provocada ou natural) visa a dar espaço a novas mercadorias. Tudo o que é destruído pode ser substituído por mercadorias novas que venham compensar as perdas. A destruição – método e produto – é um grande negócio. Uma nova forma de realização é o que aparece com o surgimento da mercadoria compensatória. Esse circuito provoca um novo gozo das coisas prontas, das imediatidades, que recompensam um corpo e um psiquismo cansado de esforçar-se pela sobrevivência. O gozo das ideias prontas é dado às massas que, aduladas por líderes publicitários e políticos na aliança que configura a indústria cultural da política, atacam a reflexão e o pensamento crítico.

mesmo tempo, ela é a própria forma-mercadoria ao alcance de todos nas redes sociais. Esse “bem” nunca esteve tão disponível e a preço tão baixo para o gozo das gentes.